

Os Compositores

13/06/99

Voltando para Leipsig em 1723, depois de ter passado seis anos na corte de Köthen Bach assumiu as funções de cantor na Igreja de São Tomás, dedicando a essa igreja as suas melhores energias mesmo sem abandonar o cultivo da música instrumental, devido principalmente a sua ligação com o Collegium Musicum daquela cidade, fundado por Telemann. As funções de cantor o obrigavam a composição de sempre novas músicas para funções religiosas; mas o obrigavam também a ensaiar o coro e a ensinar aos



meninos cantores, ministrando inclusive aulas de latim. Mas a essas últimas funções Bach fugia o quanto podia para reservar suas melhores forças para a composição; inclusive, como já tivemos oportunidade de dizer brigava freqüentemente com as autoridades da igreja, porque queria que lhe fosse reconhecido o título e o salário de mestre de capela, que melhoraria a sua situação econômica e o isentaria das tarefas de ensino. Entre brigas, sempre novos filhos e sempre novas ambições de compositor, nos 27 anos seguintes só de cantatas Bach escreveu nada menos do que 265. De fato, seguindo o caminho já apontado pôr Schütz Bach se empenhava a levar ao mais

alto nível as conquistas da música sacra luterana nos gêneros da paixão e da cantata, vestindo de riquíssimos contrapontos esses mesmo gêneros na Itália mais declaradamente harmônicos.

A cantata , mais definitivamente germânica, é constituída p̄r uma seqüência de coros e árias, essas últimas construídas na forma derivada da cantata romana barroca, isto é, na forma A,B,A, com uma frase principal, uma frase secundária e o retorno a frase principal quase sempre não redigido, mas apenas indicado com a designação da “capo al fine”, isto é, do princípio até a conclusão da primeira parte. Alternadas aos coros as árias são cantadas p̄r solistas,

freqüentemente preparadas p̄r expressivos recitativos. Esse é mais ou menos o esquema do famoso Magnificat composto em 1723, logo após o retorno a Leipsig, para celebrar o Natal, e revivido inicialmente na tonalidade de Mi Bemol Maior . Só mais tarde, exatamente 1811, o Magnificat foi publicado, e desta vez numa nova redação em Ré Maior . A respeito da destinação do Magnificar Albert Schweitzer opina que poderia ter sido pensado para acompanhar, sempre nas celebrações natalinas, a reconstrução cênica da cena da manjedoura. Podemos acreditar na opinião de Schweitzer, médico e organista, um dos maiores

conhecedores da obra bachiana. A orquestração do Magnificat poderia parecer à primeira vista bastante complexa, pôr incluir vários instrumentos de sopro; mas Bach trata os sopros com extraordinária leveza, desde o primeiro coro no qual ele emprega três trompetes.

A primeira parte começa com o coro que diz: “A minha alma exalta ao Senhor”. Segue uma ária que diz: “E o meu espírito exultou em Deus”. O terceiro número é outra ária que diz: “Pois que considerou a humidade de sua serva, eis que pôr isso todos me chamarão beata”. Segue um coro que diz: “Todas as gentes”, continuando o texto da ária anterior. A ária seguinte: “porque grandes

coisas em mim operou, aquele que é poderoso e cujo nome é Santo”.

Encerra a primeira parte com um dueto : “E misericordioso é, de geração em geração para com aqueles que o temem”.

Música “Magnificat”

Disco: 01 Lado ; A

Todo (15”)

A segunda parte começa com um coro que diz: “Tornando poderoso o seu braço dispersou os soberbos”. A ária seguinte diz : “Depôs os poderosos de seus lugares e exaltou os humildes”. E outra ária diz: “Encheu de bens os pobres e tornou famintos os ricos”. Um trio seguinte

diz: “Israel recebeu seu filho, lembrando a sua misericórdia”. A composição termina com dois coros, o primeiro dos quais diz: “Assim falou aos nossos pais, a Abraão e à sua descendência, enquanto o segundo encerra a composição com as palavras litúrgicas: “Glória ao pai, glória ao filho, glória também ao Espírito Santo . Assim era no princípio e agora e sempre nos séculos dos séculos.

Música “Magnificat”

Disco: 01 Lado : B

Todo (13”)

Nos Retratos Étnicos Musicais
permanecemos na Espanha com

Manuel De Falla, respirando o ar quente e sensual da Andaluzia com as danças finais dos seu Ballet El Sombrero de Tres Picos (O Chapéu de Três Pontas) . É um ballet cômico e quase farsesco; mas o que importa é justamente o profundo sabor espanhol transmitido pelas típicas danças da Andaluzia com os seus inconfundíveis ritmos . Desse ballet vamos ouvir portanto a Dança dos Vizinhos, a Dança do Moleiro, a Dança do Corregedor e Festosa Dança Final.

A voz feminina é de Teresa Barganza com a Orquestra de Boston regida pôr Seiji Ozawa.

Música “El Sombrero de Tres Picos”

09

Disco: 02

Faixas : 05 a 08

Tempo: 23"